

A experiência performática no giro de Folia de Reis

The performative experience in *Folia de Reis* journey

Daniel Santos Costa¹

Resumo

O objetivo do estudo aqui apresentado foi experimentar o giro performático de Foliás de Reis na cidade de Campinas, São Paulo observando suas modificações do espaço ritual rural para o espaço urbano. Neste contexto, tal experiência demonstrou o quanto as manifestações da cultura popular brasileira estão inseridas em constantes transformações próprio do dinamismo cultural. Na experiência esteve em questão a maneira como os foliões lidam com a mudança no espaço ritual e suas adaptações, a composição social do grupo e como o corpo se expressa por meio da experiência performativa do giro. Por fim, buscamos aqui uma forte relação entre os sentidos pessoais do pesquisador inserido numa rede complexa de significados e pensando a cultura popular marginal para além do folclore.

Palavras-chave: Corpo, Cultura Brasileira, Foliás de Reis, Performance, Ritual.

Resumen

El objetivo del estudio aquí presentado fue el de experimentar el giro representativo de Foliás de Reyes en la ciudad de Campinas, en el estado de São Paulo, en Brasil, observando sus modificaciones desde el espacio ritual rural hasta el espacio urbano. Dentro de este contexto, tal experiencia demostró lo mucho que las manifestaciones de la cultura popular brasileña se encuentran insertas en constantes transformaciones que le son propias al dinamismo cultural. En la experiencia, lo que estuvo en tema fue la manera como los foliones lidian con el cambio en el espacio ritual y sus adaptaciones, la composición social del grupo y el cómo el cuerpo se expresa por medio de la experiencia representativa del giro. Finalmente, buscamos aquí una fuerte relación entre los sentidos personales del investigador, inserto en una red compleja de significados, y pensando la cultura popular marginal más allá del folclore.

Palabras-clave: Cuerpo, Cultura brasileña, Foliás de Reyes, Representación, Ritual.

Abstract

The purpose of the study presented here was to experience the performative working Foliás de Reis in the city of Campinas, São Paulo watching their modifications of ritual rural space to urban space. In this context, this experience demonstrated how the manifestations of Brazilian popular culture are embedded in constant transformations own cultural dynamism. This experience was concerned how the revelers deal with the change in the ritual space and its adaptations, the group's social composition and how the body is expressed through the

¹ Docente na Universidade Federal de Uberlândia – Escola de Educação Básica (ESEBA). Doutorando em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde também graduou-se em dança (bacharel e licenciado). Autor do livro *Encruzilhadas de uma Dança-Teatro Brasileira* (Prismas, 2016), *Histórias e Memórias de Foliás de Reis* (Egil, 2010) dentre outras publicações especializadas. Pesquisador do grupos de pesquisas (CNPq): LAPETT – USP, PINDORAMA – UNICAMP e SPIRAX – UFU. Blog: <http://dancadaniel.blogspot.com.br/>. E-mail: grdcosta@ufu.br.

performative experience of working. Finally, we seek here is a strong relationship between personal meanings of inserted researcher in a complex web of meanings and thinking marginal popular culture beyond folklore.

Keywords: Body, Brazilian Culture, Folias de Reis, Performance, Ritual.

A tradição das Folias de Reis

A Folia de Reis é uma manifestação popular que consiste na representação do mito cristão, que narra a viagem dos Três Reis Magos, anunciadores do nascimento do Menino Jesus, até o seu encontro. A peregrinação é representada pelos grupos de foliões, cantadores e instrumentistas que visitam a casa dos fiéis com a Bandeira de Reis, cumprindo rituais complexos e no intuito de abençoar as famílias e seus presépios. As jornadas de peregrinações, de acordo com o que reza a tradição, vai do dia 25 de dezembro até 6 de Janeiro. Conforme convencionado pelo catolicismo, as datas representam respectivamente o nascimento e o encontro dos Santos Reis com Jesus Cristo. Durante as visitas, os foliões recebem doações/esmolas destinadas à Festa da “Chegada”, que representa o final da Peregrinação das Folias Reis. É o final de todo processo ritual.

Segundo Cassiano (1998), as origens da manifestação remontam à Idade Média europeia, quando a igreja ainda tolerava em seu culto danças e teatro cristão para os festejos natalinos. Rememoravam, na ocasião, a história do nascimento do Menino Jesus. No imaginário popular, desde então, combinado aos acontecimentos bíblicos e seus personagens, descortinaram novas histórias e outros contextos. Incluíram a figura do Rei Herodes, que ordena a matança das crianças, pois os sábios Reis do Oriente haviam previsto o nascimento do Menino Rei, o Messias.

No Brasil, a catequização promovida por Anchieta utilizava-se das artes, especialmente canto e dança, inserindo-os nas manifestações religiosas oficiais. No século XVI, as festas populares foram condenadas pelos Bispos e, somente depois do Concílio Vaticano II (momento de abertura da Igreja frente as demandas de um mundo assombrado pela globalização) a Igreja católica abriu-se para aceitar a força das manifestações populares. Antes da década de 60, com a não tolerância das manifestações populares, a Folia vai para ruas e zonas rurais periféricas. Desse modo, desenvolveram bastante seu caráter popular, entremeando elementos da vida no campo com acontecimentos bíblicos.

O que conduzia a identidade da religião rústica dos moradores caipiras era a formação e a reprodução de uma ordem religiosa derivada mas ativamente tornada própria e comunitária através da garantia de um distanciamento frente ao controle da Igreja Católica (BRANDÃO, 1985, p. 45).

Cada grupo manifestante possui características próprias. De acordo com os foliões, as Folias de Reis apresentam muitas especificidades. São traços notórios desde questões regionais marcadas pelas toadas² diferentes – como a mineira (à qual se amalgama a toada paulista), a baiana e a paranaense –, além dos diferentes traços de origem.

É comum se estabelecer que a Folia de Reis deriva-se dos festejos realizados na Europa no início do século XVIII e trazidos para o Brasil no século posterior pelos portugueses colonizadores. Desde essa época se faz presente de forma predominante em Minas Gerais, o que explica a grande profusão de folias de toadas mineiras no estado de São Paulo. Ainda no que tange a sua origem, há foliões que defendem ter a Folia de Reia sido iniciada com os ciganos asiáticos. A razão disso advém da comparação entre a bandeira e as roupas ciganas, além de seu nomadismo.

Instalada no Brasil rural, a Folia de Reis se manteve tradicionalmente nestes espaços, em grupos constituídos por pessoas das classes mais pobres. O folguedo sempre esteve ligado a esses grupos e nos espaços rurais. Para a população das zonas rurais, as festas eram ponto referencial. O núcleo essencial do ritual de uma Folia de Reis é o conjunto de cantores e instrumentistas muitas vezes acompanhados por um ou mais palhaços. É uma das manifestações mais ricas em rituais. Está em constante preparação mesmo antes da experiência performática do giro. Acontece uma longa preparação, uma real produção. Todos os integrantes possuem funções específicas. Numa configuração matricial, tais integrantes poderão ser estes:

- **Folião do ano:** geralmente, não é integrante permanente do grupo ritual. É pessoa de fora mas envolvida com a Folia na data precisa: o ano em que se oferece como o responsável pela produção de condições de saída da Folia. Quase não se encontra esse integrante nas Folias de

² Toadas são os ritmos de cada Folia de Reis. Cada uma possui sua toada ambientada por instrumentos específicos. Hoje há um ecletismo muito grande em relação aos instrumentos que compõem as toadas de Folias de Reis. Essa mistura dá uma característica própria a cada grupo. Além disso, as toadas são marcadas por uma distinção de acordo com a região de origem. Fala-se em toada baiana, paranaense e mineira. A esta última se acopla a toada paulista, já que no processo migratório brasileiro da década de sessenta e meados de 70 trabalhadores rurais originários do estado de Minas Gerais instalaram-se nas promissoras cidades em expansão industrial do estado de São Paulo.

Reis da cidade de Campinas. A função de produção é assumida pelo gerente/presidente de cada grupo, e a bandeira é levada pelo bandeireiro, que é integrante fixo.

- **Festeiro:** um dos mais importantes integrantes do acontecimento. É dono da casa da “chegada”, lugar aonde a Folia chega no dia 6 de janeiro. É responsável pela Festa de Reis. A cada ano um novo festeiro é coroado no fim do ritual. No Grupo São José do Operário, essa função não foi assumida por nenhum festeiro. A saída do giro é realizada na casa do mesmo folião todo ano. A “chegada” vem sendo realizada todo ano na Igreja Santo Expedito³, no Jardim Ouro Verde, com produção independente do grupo.

- **Donos das casas:** vários moradores em cujas casas a Folia passa “girando” para recolher esmolas, pedir “pouso do almoço” e também “pouso da janta”. Atualmente o local do almoço é estabelecido previamente, com responsabilidade do gerente do grupo. O “pouso da janta” não é mais solicitado, pois ao cair do dia as Foliás já estão se recolhendo. Na última casa do giro diário, a bandeira é deixada. Dali se parte para a próxima trajetória no dia seguinte.

- **Acompanhantes:** todas as pessoas que seguem as jornadas das Foliás durante todo seu trajeto ou apenas parte dele sem participar das funções rituais dos foliões. Suas motivações são a fé, a prática religiosa, a devoção aos Santos Reis e o pagamento de promessas. Nas ruas da cidade, em pleno giro, encontramos pessoas que há muito não assistiam às Foliás, desde que deixaram seus locais de origem, além de outros que, por curiosidade, por nunca terem contato com qualquer manifestação popular, acompanham determinado trecho do trajeto.

- **Grupo ritual (embaixador/gerente/foliões/palhaços):** O embaixador é responsável pelo grupo de foliões. O gerente é delegado pelo embaixador, e sua função é cuidar da disciplina do grupo. Faz advertências a respeito dos atributos religiosos e obrigações do ritual, controla o horário, vigia o consumo de bebidas alcoólicas e a atuação de cada folião. O palhaço também é personagem. Seu comportamento ritual é paradoxal havendo controvérsias sobre sua representação e simbolismos.

O embaixador “tira a cantoria”. Ele canta sozinho (primeira voz) e em primeiro lugar versos que os outros foliões responderão com o complemento de uma estrofe. Durante a cantoria ele se coloca de frente para outro folião, que comanda a resposta do canto religioso e que por isso mesmo recebe o nome de “resposta” (segunda voz). Eles são acompanhados por violões e violas. A terceira e a quarta vezes são os “contrato”, sendo

³ A Igreja Santo Expedito não exerce nenhuma influência no ritual do Grupo São José Operário de Folia de Reis, apenas cede o espaço para a realização da festa da “chegada”, que é realizada com recursos captados durante a trajetória dos “giros” por diferentes bairros da cidade.

também instrumentistas. Da quinta à oitava voz os cantores são chamados “requinta” ou “requinteiros”. Depois há outros instrumentistas. Os últimos terminam as estrofes entoando um grito longo e agudo. A Folia de Reis tem tradicionalmente os seguintes instrumentos: duas violas, dois violões, uma rabeça ou uma sanfona, dois pandeiros e uma ou duas caixas. Não há dança durante a cantoria (BRANDÃO, 1977, p. 09).

Tradicionalmente o trajeto ritual das Folias de Reis simula a viagens dos três Reis Magos, que vieram do Oriente seguindo uma estrela que anunciava o nascimento de Jesus, na esteira de uma longa tradição esotérica que postulava o advento de um salvador. Por muito tempo as jornadas dos grupos saíam das casas dos foliões do ano para a casa dos festeiros – de leste (Oriente) a oeste (Belém). Fazia-se o trajeto durante o dia, nas estradas, e pousavam à noite. Houve tempos, conforme os mestres foliões, em que todo o ritual era durante a noite, seguindo um cortejo sem entusiasmo. Representavam especialmente a viagem dos Reis à procura do menino, em vigília, pois naquela época eles eram perseguidos por soldados romanos.

Durante a trajetória das Folias, algumas situações deviam ser evitadas, bem como: Passar duas vezes pelo mesmo lugar, existindo um roteiro prévio de todo percurso do giro; encontrar bandeiras nas estradas. Se acontecesse haveria rivalidades, desencadeando um conflito simbólico, de improviso, em que um dos grupos prendia a bandeira do outro. Os foliões vencidos poderiam, se quisessem, integrar o outro grupo. Sem a bandeira, a Folia não gira; deparar-se com presépios armados. O encontro com o presépio só deveria dar-se na chegada do giro.

Tomada tais precauções, o trajeto-ritual define-se, de modo matricial, da seguinte maneira:

Saída: parte-se da casa do folião do ano com altar montado, bandeira (objeto ritual de maior valor religioso), muita dança (como a catira), bebidas e reza do terço. As mulheres e crianças não podiam rezar nem comer junto aos foliões. A elas cabiam as funções das cozinhas. Antes e depois da celebração da comida, qualquer folião puxava o *bendito de mesa*⁴. Em seguida a cantoria saía pelas estradas.

Giro: jornada, trajeto feito entre pousos. Há cantoria nas portas das casas como aviso de chegada e pedido de esmola, diálogo burlesco entre palhaço e dono da casa, doação de esmola e agradecimento.

Pouso: do almoço, do jantar. Seguido de comemorações, ocorre a dança da catira e bebe-se a noite toda.

⁴ Orações e cantorias ao redor da mesa, antes das refeições.

Dia da festa: chegada, com transferência de coroa para o festeiro novo e do galho para o novo folião do ano. Adoração do Menino Jesus, encontro com altar armado. O ritual se encerra e ocorre a coroação dos novos festeiros. Fica a certeza da comunidade sobre a continuidade da manifestação da cultura popular.

Ao longo do tempo as Folias de Reis vêm sofrendo modificações em virtude da migração do homem para a cidade e da inserção de elementos urbanos nas regiões rurais, como os meios de comunicação de massa. Presenciamos a disseminação das Folias de Reis, que vem transferindo-se das áreas rurais, tradicionais ou não, para as áreas urbanas. Desse modo, a seção seguinte do texto procura evidenciar tais aspectos através da singularidade da experiência performática do giro.

O espaço urbano e suas reverberações

Foi-se o tempo em que as Folias eram quase totalmente rurais, percorrendo sítios e fazendas. Hoje estão inseridas cada vez mais nas cidades. O deslocamento de seu espaço ritual para cidade se deu também em consequência do êxodo rural, principalmente entre as décadas de 60 e 70. A rápida e descontrolada urbanização provocou falta de mão de obra no campo, já que muitos trabalhadores rurais se transferiram para as cidades em busca dos atrativos urbanos.

Os foliões estão cada vez mais inseridos num mundo em constante transformação, sendo obrigados a participar de mudanças com as quais muitas vezes não se identificam. Sem dúvida nenhuma, a alteração do espaço geográfico influenciou drasticamente na realização do ritual da Folia de Reis. Arantes (1990) faz um paralelo da condição da cultura popular vista como folclore a partir da transferência de seus espaços tradicionais, mudando-se do campo para a cidade.

Em 2007, acompanhei a saída dos giros do Grupo São José Operário no bairro Parque Universitário e do Grupo Folclórico Voz do Oriente no bairro Jardim Melina, na cidade de Campinas. A escolha desses grupos se deu pelo motivo de suas atividades se realizarem em locais próximos da região onde eu residia na ocasião, o que facilitou muito para que eu pudesse acompanhá-los durante sua peregrinação e suas visitas às residências.

Os foliões se organizam na rua da seguinte forma: em primeiro plano, o alferes ou bandeireiro com a bandeira. Logo depois vêm os palhaços ou bastiões. Em seguida os mestres ou embaixadores, que puxam a cantoria/toada. Nesses grupos eles preferem os embaixadores, depois os contramestres, os instrumentistas e as pessoas que acompanham a Folia de Reis. As

batidas dos instrumentos e as chulas⁵ dos palhaços são o pedido de licença para entrar. O dono da casa vem e se quiser receber os foliões abre as portas de sua casa. Quem não quer receber nem aparece ao portão. Segundo os foliões, há também quem apareça dizendo não querer recebê-los. Não presenciei nada disso. Passamos apenas em duas casas que não nos receberam. Numa delas a dona da casa, já idosa, não tinha percebido a presença dos foliões frente a sua casa e foi pra o vizinho cantar e rezar com a folia, que, segundo o ritual, não pode voltar a nenhuma casa na mesma rua. O fluxo deve ser contínuo. Mesmo assim houve um caso em que o grupo desceu novamente a rua que estava subindo em visitação e pediu licença numa casa à qual, segundo alguns de seus membros, não poderia faltar, para desgosto de outros.

Quando eles entram na casa, o dono pega a bandeira e segue na frente, abrindo os caminhos. Ele leva a bandeira aonde quer que seja realizada a cantoria, de preferência um altar com imagens de santos ou o presépio com o Menino Jesus. Antes ou depois do ritual o dono da casa leva a bandeira a cada cômodo da casa como forma de abençoá-los através deste objeto simbólico da manifestação.

No interior da casa, segurando ainda a bandeira, os foliões iniciam a cantoria. Primeiramente cantam agradecendo a licença, os palhaços recitam suas chulas e o dono da casa dá sua oferta/esmola, colocando algum pertence seu na bandeira. Com isso a bandeira vai ficando cada vez mais enfeitada. Vale qualquer coisa – dinheiro, oração, fotografia, flores, objetos, imagens sagradas –, desde que colocado na hora, de improviso. Após esse procedimento os foliões cantam, agradecendo a oferta. Se na casa é oferecido um lanche ou um café, na saída há a cantoria para agradecimento. O dono da casa leva a bandeira até o portão. Antes de entregá-la ao bandeireiro, todos passam por baixo, beijando-a e seguindo para mais uma visitação.

O grupo adotou a medida de ir pedindo licença nas casas, mas isso é uma questão que incomodam alguns integrantes. Eles dizem que em outras Folia tudo é planejado, sendo as visitas estruturadas anteriormente. Só se passa na casa onde se pediu a visita. Durante o giro, quando íamos para uma casa, uma mulher perguntou, de cima do muro, se a Folia poderia cantar em sua casa. E a Folia assim o fez.

⁵ Versos burlescos recitados pelos palhaços.

Há também rituais bem específicos dos grupos. Antes de entrar nas casas deve-se tomar cuidado para não ultrapassar as imagens de santo. Para passar na frente deles, deve-se pedir licença. Aconteceu, nos dias desses giros, de entrarmos numa casa e não percebermos a imagem de Nossa Senhora na trave superior da porta. Ela estava no sentido contrário. Quando um dos palhaços percebeu isso, recusou-se a continuar o ritual, justificando que se esse ato acontecesse nos tempos em que a Folia de Reis era “coisa séria” seria diferente. As pessoas poderiam ser presas. Se o dono da casa fosse mestre ou conhecedor de Folia de Reis, poderia denunciá-los como falsários.

Sobre o caso acima, pude tomar conhecimento dos moradores de um pequeno vilarejo chamado Lagoa Escondida, no Triângulo Mineiro, quando fui até lá pesquisar as folias mineiras tradicionais, que fazem os giros nas zonas rurais. Um grupo de falsos foliões chegou pedindo pouso durante a noite. Essas ocorrências são muito comuns por lá. No dia seguinte o pessoal que os hospedou descobriu que se tratava de bandidos fugitivos da polícia. Quando foram conversar com os mestres locais sobre as regras do processo ritual e procedimentos que poderiam ter sido efetuados antes de permitir o pouso, descobriram a falcatura.

O palhaço da Folia de Campinas relatou ainda que antigamente havia disputas entre os grupos de foliões, seja na cantoria, ao nível simbólico, seja mesmo descambando para o confronto físico. O grupo que ganhasse prendia a bandeira do outro e arrecadava suas esmolas, seus instrumentos e até mesmo seus integrantes.

Nos encontros com os foliões tive alguns informantes. Eram sempre pessoas que apresentavam algum problema físico. Todos passaram por cirurgias e ainda assim acompanhavam a Folia, acompanhando-a num ritmo mais lento, seguido por muitas pausas. Foi nesses momentos que realizei muitas entrevistas informais. Os foliões estavam sempre sentados num canto, ainda se recuperando de dores. Uma fala recorrente diz respeito à resistência, bem como ao início nas Folias de Reis desde criança, na zona rural. Outro assunto que se destaca bastante é a evangelização de alguns dos membros do grupo nos últimos tempos. O discurso religioso é muito forte. A dualidade entre Deus e Diabo é sempre mencionada. Em seus pedidos é frequente a intenção de afastamento do segundo. É como se fossem sempre perseguidos por criaturas consideradas maléficas, que pudessem atrapalhar o ritual. Nesse sentido, o Diabo encarna talvez a figura do rei Herodes como o grande perseguidor da história tradicional sagrada.

Quanto às visitas, mesmo quando não são agendadas *a priori*, há uma certeza de que o grupo será sempre recebido em alguns lares. Geralmente quem os recebe são pessoas que fizeram alguma promessa aos Santos Reis. Na primeira casa onde estivemos, havia uma mulher que passara por uma cirurgia que não cicatrizava no tempo previsto. Noutra casa, havia uma moça que já estava totalmente cega em virtude de uma diabete em estado avançado. E prosseguimos visitando casas de pessoas religiosas que possuíam fé no catolicismo popular.

O espaço mítico do ritual se quebra nas caminhadas pelas ruas. Nesse espaço, durante as caminhadas, há grande descontração. Os palhaços seguem com suas “besteiras” convencionais. Os velhos mestres, ao cansar-se, param de pouco em pouco. Há senhores com problemas de locomoção, de surdez e de coluna. A idade é quase uma penitência nesses casos. Num dos grupos, o alferes, com a Bandeira e seus mais de 70 anos, seguiu em retirada e ninguém o alcançou nas avenidas da cidade. Parecia até que ele se encontrava em outro espaço, sendo esse vigor um traço marcante deste bandeireiro. Essa força vem de cada folião, causando inveja ao ser confrontada com sua idade. Eu, muito mais jovem, me cansei logo. Antes do almoço, já procurava um lugar para sentar.

Quando as Folias de Reis se realizam na zona urbana, as dificuldades são imensas. Tudo é longe, há muitos imprevistos, o tempo vai contra. Interessante perceber o olhar de estranhamento das pessoas quando veem os Foliões passeando pelas avenidas. Parece que estão saindo de outra dimensão. A força que emanava do corpo do alferes fazia dele uma fênix ressurgindo das cinzas. Os palhaços brincantes, em vez de divertir, causavam estranheza nas pessoas. A Folia estava na rua.

Quando os velhos estão no ritual da cantoria no interior das casas, seus corpos pulsam e reverberam outros sentidos. São corpos agora eretos, pés pulsantes, havendo até mesmo um pulso interno que não sai, mas garante presença. As vozes revigoram os corpos. Não se imagina que tamanho potencial fônico emane de corpos idosos e muitas vezes frágeis fisicamente

Percebi em muitos locais uma exagerada preocupação com o ritual exatamente como ele deve ser. Os donos das casas se prendem muito a essa questão, acabando por criar situações não naturais. Há preocupações formalistas sobre como segurar a bandeira, o que virá a seguir, o que se deve ofertar. Cria-se um estado de devoção e tensão ao mesmo tempo.

Na constância do ritual, apenas os mestres não se distraem. Aconteça o que acontecer, eles estão firmes na frente, puxando as toadas. Nesses grupos eles preferem não ser chamados de

mestres e sim embaixadores. Dizem eles: “O mestre está no céu, somos apenas seus embaixadores”. A transmissão da tradição também se interrompe e de certa forma a adaptação cria um novo estado para a *performance*. As crianças e adolescentes aprendem ali, na hora, na prática. São erros mas também acertos próprios da transmissão dos saberes populares. Há uma preocupação com a continuidade.

Num dos grupos também houve a inserção de um novo mestre – que é a figura principal da Folia – vindo de outro grupo. Problemas que no fim são urbanos, como o caos, as longas distâncias geográficas, as visitas e o tratamento indiferente incomodaram o novo mestre, que logo foi admitido pelo grupo.

A cada dia de visita uma casa fica responsável previamente pelo almoço de todo o grupo e seus acompanhantes. Antes de entrar na casa eles realizam a dança da meia-lua. Os foliões se dividem em duas filas indianas guiadas pelos palhaços, dançando em forma de meia-lua. Recitam os palhaços na entrada pedindo licença. Há o agradecimento, entoado pelo canto. Logo após tocam a “marcha”, que é a música típica para os palhaços dançarem, e adentram na casa. Sobre o presépio ou o altar, os brincantes se ajoelham e recitam suas chulas mais uma vez. Há algumas respostas dos foliões em sua toada, que pode ser improvisada, composta pelo próprio grupo ou mesmo tradicional. Os palhaços devem, por obrigação, retirar suas máscaras. Todos seguem para a mesa de alimentos e geralmente uma pessoa do grupo faz os agradecimentos. Rezam, fazem pedidos, agradecem as cozinheiras e comem bem. É um espaço de mesa farta.

Depois do almoço, houve o agradecimento pela refeição. Neste caso as toadas foram todas improvisadas em agradecimento às pessoas que acolheram os membros da Folia.

De casa em casa os foliões vão ganhando intimidade, parecendo estar em seus próprios lares. No local do almoço nem parece que se chegou a um lugar estranho. Tudo é festa. Há momento para tudo. Para entrar na conversa dos mais velhos, que se recolhem aos aposentos interiores, para jogar futebol com as crianças, para os mais gulosos tomarem sorvete na rua da frente. Encontrei pessoas que nunca tinham visto a Folia de Reis. Talvez não a veja mais. Porém o espaço de troca é tão intenso que valeu a pena cada instante cansativo do dia. Cansaço rotineiro para todos os participantes regulares do folguedo.

Alterações no ritual

Nota-se nitidamente, no presente momento, que a rápida inserção dos grupos de Folia de Reis nas cidades os transpôs rapidamente da cultura popular para a do folclore, ou seja, do fazer desprovido do saber. Mesmo procurando ser fiel à tradição, ao passado, é impossível deixar de acrescentar novos significados e valores ao que se tenta reconstituir. Um exemplo disso são os grupos que recriam músicas e danças populares. Nos próximos capítulos, ao se apresentar os discursos dos mestres e foliões, veremos que são recorrentes os questionamentos que norteiam essa transição.

Os próprios grupos de Foliás se colocam na condição de grupos folclóricos. Existe agora uma necessidade que é física, material, para a transmissão desses saberes. Deslocada de seu contexto de origem, tomam outro valor e, por vezes, outro sentido. Há a necessidade de atingir um público grande, o que é explorado pelos meios de comunicação. A simples condição de se estar presente numa realidade destoante, que sempre foi tida como referência externa ao ambiente original, provoca uma divergência de tradução.

Laraia (1986) afirma que existem dois tipos de mudança cultural. Uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultura, e uma segunda que é resultado do contato de um sistema cultural com o outro. Mesmo que as Foliás de Reis apresentem singularidades e sistemas articulados de significados, sua inserção na cidade provocou um choque de culturas. O simples desconhecimento de um sistema cultural que se insere em outro é motivador de enfrentamentos e comportamentos preconceituosos.

Seus ritos estão em constante recriação e adaptação. Na cidade houve a expansão do espaço ritual. Anteriormente a data oficial ia do dia de Natal até 6 de janeiro. Hoje se encaixa a festa num sábado ou domingo, para agradar ao povo e se articular com outras chegadas e festas de Reis que acontecem na cidade durante esse período. O tempo da jornada passou a ser o ano inteiro. Na cidade a demanda geográfica é maior. Tudo é longe. Na zona rural o giro ocorria somente na região, ocorrendo pousos nas casas. Hoje acontece somente nos fins de semana, em vários bairros da cidade. Surge a necessidade de veículos de transporte, subsídios culturais e contrapartidas sociais.

As caminhadas de dias e noites pelas casas dos foliões se perderam. Hoje tudo se faz com hora marcada pelos bairros da cidade. As festas das foliás acontecem agora também nas cidades, mas foi no campo que elas tiveram seu apogeu. Detalhes do ritual se perderam na adaptação. Os

grupos surgem agora como organizações, associações e grupos folclóricos uniformizados. A figura do folião do Ano não existe mais. Agora é o alferes da bandeira que segue na frente com o símbolo. Ele é integrante oficial do grupo. Da casa do festeiro é que sai e chega a folia. Não há mais multidões acompanhando as peregrinações. Relatos de alguns mestres comprovam que em outros tempos cerca de duzentas pessoas acompanhavam todo o ritual. Nas estradas das fazendas e sítios pelos caminhos realizavam toda jornada.

Nas ruas há um deslocamento do espaço ritual. Perde-se, reconfigura-se o sentido da peregrinação. Ao sair das casas há a sensação de que os foliões tinham apenas aquela missão de ali entoar suas canções. São muitos imprevistos: o contato direto com outras formas de manifestação, o trânsito, as distâncias, os desencontros, a falta de planejamento das visitas, o meio urbano em movimento. Em muitos momentos os foliões se viram perdidos nas ruas sem saber ao certo para onde iam. Eles delegam funções entre si, mas todos realizam tudo ao mesmo tempo. Brandão (1977) classifica suas funções como posição de controle e atuação ritual.

Em muitas entrevistas informais ouvi a expressão “nos tempos em que a folia era coisa séria”. Nota-se uma fenda entre o tempo ancestral e o agora. Em suas performances, os foliões realizam atos e interações de caráter e qualidade não naturais. Há uma preocupação exacerbada com o ritual. Encontram-se em situações paradoxais. Ao mesmo tempo em que se veem num outro tempo e outro espaço ritual, há a necessidade de controlar as minúcias da tradição. São situações que acabam criando posturas não representativas. Suas atividades acabam não se tornando significativas. Em muitos casos não há uma mobilização expressiva. Ficam em débito com a *performance* segura, eficiente. Goffman (2002), em sua análise das relações sociais, afirma que os seres humanos estão sempre atuando, representando, conscientemente ou não. Para ele, o indivíduo que não crê na sua própria atuação é cínico. O indivíduo pode ser cínico em relação ao ato social ou a respeito de si mesmo. São questões referentes à fachada social.

Intencional ou inconscientemente o ator social necessita de uma coerência. A atuação tida como cínica é desempenhada por novos foliões, para quem a Folia de Reis não faz parte de suas referências culturais. Os mestres ou embaixadores carregam o que já foi vivido, sendo notório em seus corpos suas memórias mais arcaicas.

Também a figura da mulher mudou muito nos últimos tempos. Os papéis destinados a elas eram simplesmente as funções da cozinha ou eram simples participantes. Deveriam ainda

comer longe dos foliões. As folias de reis não possuíam nenhuma mulher integrada aos participantes.

A começar pela cozinha, território predominantemente feminino em praticamente toda a cultura popular brasileira, um espaço de encontro de mulheres de várias gerações, onde se prepara o alimento em meio a cantos e danças. Conversam, trocam confidências, socializam saberes, ensinam benzeções, contam novidades, assim como histórias antigas: enquanto cozinham, comem, bebem e celebram (BAPTISTELLA, 2004, p. 68).

As mulheres tomavam parte bem mais na preparação para a festa e o ritual. No entanto, hoje elas assumiram outras funções. Das que conheci, algumas ocupam posição de alferes, ou seja, bandeireira, de instrumentistas e cantadoras. Indaguei alguns foliões sobre a possibilidade de algum dia uma mulher vir a se tornar mestre. Não recebi respostas concretas. Mas uma unanimidade transparecia em suas palavras: “Mulher nunca poder ser mestre”. Com isso a estrutura social do grupo também se encontra em adaptação no ritual.

Composição social dos grupos

Com o deslocamento do espaço ritual alterações ocorreram na composição social dos grupos de foliões. Na zona rural, eles eram formados por laços familiares. Atualmente, na zona urbana, esse pequeno círculo familiar se expande para um círculo bem maior que abrange, além dos familiares, vizinhos, amigos e colegas de trabalho. Isso tem sido visto como positivo, pois o grupo acaba se tornando outra família.

Os encontros e os giros estão sempre em atraso. Cada folião mora num canto da cidade. Existem alguns que nem moram na cidade de Campinas. De toda maneira são pessoas simples, que vieram do campo e instalaram-se nas zonas urbanas, muitas vezes em regiões periféricas. Nota-se pela própria ação do dono da folia ou pelos seus giros que ela se limita a esses espaços.

Mulheres e crianças agora também adentram espaços comuns. O rito de iniciação é constante. Os mais velhos fazem e os mais novos repetem e aprendem. Ao mesmo tempo em que celebram os antepassados, ensinam. Reafirmam que o comportamento do indivíduo depende de um aprendizado. Estão inseridos num processo cultural que se dá pela comunicação oral. A Folia de Reis é uma oração cantada, uma narrativa, uma representação.

O modo de agir, de ver o mundo, os valores, os comportamentos e posturas sociais origina-se da operação dos processos culturais, gerando a herança cultural. Esta é desenvolvida

através de gerações, condicionando uma reação específica ao comportamento padrão do grupo, da comunidade.

A cultura surge no momento em que o homem convencionou a regra. Contudo, nada do que se pode chamar de ordem social é de absoluta verdade universal. O processo é dinâmico. A mudança do ambiente resulta certamente numa mudança de comportamento.

Como opera a cultura é discussão bastante em voga para posicionar e entender os processos de transformação. A grande preocupação dos grupos de Folia de Reis é a preservação, a resistência da tradição.

Há a resistência de alguns participantes mais velhos em relação às transformações, à atualização da manifestação. Em contrapartida, há outros que recebem positivamente as diferenças, achando interessante as inovações por parte dos jovens e das crianças. Muitos dos mais velhos reclamam que seus filhos não querem aprender, não querem continuar a tradição. Por outro lado, os mais novos são reprimidos pelos pais ou ridicularizados pelos amigos. Um conflito que parece indicativo de que as manifestações tendem a acabar. No entanto, cientes da operação da cultura, pode-se acreditar que isso não ocorrerá necessariamente. Com um dinamismo cada vez mais acelerado da cultura, o homem, amarrado a seus significados, estabelecerá novos sentidos socialmente estabelecidos. Mudanças extremas são inevitáveis.

Num dos grupos acompanhados, percebi dentre os adolescentes ali presentes na função de instrumentistas uma brusca mudança de ritmos. Uma mistura de pagode com samba e toadas das folias. Os foliões agregam os novos ritmos dizendo que a toada mudou porque era muito lenta. O povo fica cansado e então é necessário um ritmo mais acelerado. Isso resulta num grande sincretismo. O violino ocupou o lugar da rabeca, o acordeão quase não é mais visto. Houve a inserção da bandola e dos bumbos.

A transmissão dos saberes se dá num sentido amplo de educação. As crianças são introduzidas à vida em coletividade por meio do aprendizado da música, da dança, etc. O saber de modo algum destoa do fazer. Um é essencial ao outro, e isto é o que compõe o sentido tradicional das culturas populares.

Na formação social dos grupos podemos identificar claramente a dissociação em dois grandes tipos de cultura: a comunidade e a sociedade. Comunidade é um grupo ou uma coletividade onde as pessoas se conhecem, tratam-se pelo primeiro nome, possuem contatos cotidianos cara a cara, compartilham os mesmos sentimentos e ideias, possuem um destino

comum. Sociedade é uma coletividade internamente dividida em grupos e classes sociais, na qual há indivíduos isolados uns dos outros. Seus membros não se conhecem pessoalmente nem intimamente.

O tempo nas comunidades possui um ritmo lento, as transformações são raras e em geral causadas por um acontecimento externo que as afeta. A comunidade baseia-se em mitos fundadores narrativos sobre a origem, sobre o que aconteceu, o que acontece e o que acontecerá.

Na sociedade, porém, cada classe social procura explicar a origem da sociedade e de suas mudanças, havendo conseqüentemente diferentes explicações para o surgimento, a forma e a transformação social. Há um discurso dominante e um discurso dominado. Contudo, enquanto o mito unifica o tempo comunitário, as histórias sociais multiplicam as interpretações sobre causa e seus efeitos temporais. Uma comunidade, então, cria uma mesma cultura para todos seus membros, mas numa sociedade isso não é possível.

As comunidades em que eram inseridas as Folias de Reis praticamente não existem mais. São sociedades ou pelo menos vivem como se assim fossem. É um pensamento extremamente destoante e desestabilizador de um ponto central, comum.

Corpo e performance

O corpo é uma entidade cultural. Para Mauss (1974), o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo. Assim, há uma construção cultural do corpo, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. É através do corpo que se apresenta e representa o significado de uma experiência padrão de pertencimento ao grupo social, neste caso dos foliões.

São corpos arcaicos, carregados de significados, de memórias. São foliões que não vivem diretamente atribuindo valores em relação aos atributos corporais em detrimento de outros. Arisco-me até a dizer que são corpos bastante cansados de muita labuta.

No momento da cantoria, em posições de atuação específica, todos se organizam. Durante o ritual, seus corpos transcendem. É um momento de transposição de significados. É a experiência do sagrado em seus corpos. É uma experiência simbólica, de força maior, de crença. É o sentimento religioso em voga.

Nestes momentos, a maioria dos mestres canta de olhos fechados, tocando seus instrumentos como parte de seus corpos. É como se voltassem o olhar atento para o que se está

narrando, que é muitas vezes incompreendido, por causa de suas vozes idosas, mas nunca são interrompidos. Sua cantoria é contínua. Nesse momento seu corpo é maior do que ele mesmo.

Os demais foliões estão sempre mais atentos para detalhes corriqueiros. São corpos atentos que pulsam, que cantam, que comunicam. São momentos em que, atentos, cantantes, a comunicação se dá corporalmente.

Os foliões narram um tempo sagrado. O pensamento religioso cria uma ideia de tempo e espaço sagrado. São momentos de fé, de confiança, de respeito aos deuses e antepassados.

A manifestação é uma das mais ricas em rituais. Toda sua cerimônia é codificada em gestos, palavras, cantos, objetos, pessoas, emoções que adquirem uma relação entre o espaço e o tempo sagrado na concepção interna.

A eficácia da simbologia do ritual depende da repetição minuciosa do rito. No rito religioso, há a repetição em dois sentidos: em primeiro lugar, deve-se repetir um acontecimento essencial da história sagrada; e, em segundo lugar, os gestos, atos, palavras, objetos devem ser sempre os mesmos, porque foram, na primeira vez, consagrados pelos próprios deuses. O rito é a rememoração inexaurível do que aconteceu numa primeira vez e que volta acontecer graças ao ritual que abole a distância entre o passado e o presente.

A Folia de Reis apresenta em sua essência o tema sacro da visitação dos Três Reis Magos pelo nascimento de Jesus. Há um jogo de opostos entre o sagrado e o profano experimentado e disseminado pelos próprios participante-rituais. A manifestação é permeada de seriedade nos cantos de profecia. Em outros momentos, ocorrem as críticas e zombarias por meio de chulas provocadoras das famílias e comunidades que recebem a visitação em suas casas. Ela ritualiza ao descrever a saga cristã, apresentando a passagem do nascimento de Cristo e ensinando que Ele é filho de Deus e nosso salvador.

Diferentemente dos corpos densos, frágeis, lentos dos foliões mais velhos, os palhaços das Folias apresentam um corpo leve, ágil, mesmo quando também são pessoas idosas. Há uma dualidade muito bem apresentada. O sagrado e o profano manifestam-se em seus corpos. O palhaço dança, pula, rola no chão, chama a atenção, é um criador espontâneo. Há foliões que não concordam com a presença desses personagens mascarados, de roupas largas e coloridas. É um personagem contraditório, provocador de controvérsias.

Por fim, a manifestação de Folia de Reis com seu amplo ritual possui uma estrutura performática bem definida. Esta prevalece mesmo com tantas modificações no espaço, no tempo,

nos valores e nos significados. Os foliões vivificam todos os anos a experiência performática do giro, socializando, ritualizando através de seus corpos abundantes e expressivos a construção e reconstrução de novos sentidos agregados à manifestação.

Referências

- ARANTES, Antônio A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BAPTISTELLA, Rosana. **Mulheres em Cozinhas e Terreiros, Palcos de Chorados (MT) e Batuques (SP)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Faculdade de Educação, UNICAMP, 2004.
- COSTA, Daniel S. **Encruzilhadas de uma Dança-Teatro Brasileira: f(r)icção arte-vida em processos de criação**. Curitiba: Primas, 2016.
- COSTA, Daniel S. **Histórias e Memórias de Folias de Reis**. Ituiutaba: Egil, 2010.
- BRANDAO, Carlos R. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRANDAO, Carlos R. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.
- CASSIANO, Célia M. **Memórias Itinerantes: um estudo sobre a recriação das Folias de Reis em Campinas**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Instituto de Artes, UNICAMP, 1999.
- CASTRO, Zaíde M. & COUTO, Araci do P. **Folia de Reis**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1905
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa, Edições 70, 2007.
- MAUSS, Marcel. **As técnicas do corpo**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naif, 2003.
- MONTEIRO, Ausonia B. **Do jogo e da arte do palhaço da Folia de Reis**. In: CALANZAS, Julieta; CASTINHO, Jacyan & GOMES, Simone. Dança e Educação em Movimento. São Paulo: Editora Cortez, 2003.
- PESSOA, Jadir de M. **Saberes em Festa: gestos de aprender e ensinar na cultura popular**. Goiânia: UCG: Kelps, 2009.

SCHECHNER, Richard. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 20, p. 1-360, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/36807/39529>. Acesso em: 11 jan. 2015.

SCHECHNER, Richard. **Performance Studies: An introduction**. USA/Canada: Routledge, 2006.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: Performance e memória cultural nas Américas**. Trad. Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

Recebido em 07/04/2017
Aprovado em 14/05/2017
Publicado em 15/09/2017